

Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

POR UMA HISTÓRIA DA ARTE VISIONÁRIA

Diogo dos Santos Sá (PIC, Fundação Araucária)
Unespar/Campus Curitiba I, diogo.duda@hotmail.com
José Eliézer Mikosz
Unespar/Campus Curitiba I, antar.mikosz@unespar.gov.br

RESUMO: Essa pesquisa tem por objetivo investigar os momentos, dentro da História da Arte, onde os artistas voltaram sua atenção ao seu mundo subjetivo, imaginário de inspiração inconsciente, ao fantástico e numinoso, ao invés do mundo material, exterior, racional. A pesquisa se ocupa em registrar movimentos e artistas ocupados em retratar suas visões interiores mais do que o mundo exterior, recebendo atualmente a alcunha de Arte Visionária.

Palavras-Chave: Estados Não Ordinários de Consciência. Arte Visionária.

INTRODUÇÃO

Segundo Ernst Gombrich “nada existe realmente a que se possa dar o nome Arte. Existem somente artistas” (GOMBRICH 2011, 15). Tal afirmação vem a corroborar a dificuldade, quiçá impossibilidade, em se definir e delimitar a prática criativa humana e um de seus produtos específicos, ao qual chamamos convencionalmente de arte. No entanto é sabido que tal atividade nos é intrínseca e vem desenvolvendo-se desde a pré-história, acerca de 30.000 anos, quando num período de explosão criativa nossos ancestrais puseram-se a representar imagens relativas ao seu contexto nas paredes das cavernas (BBC, 2005).

Em sua investigação sobre os processos e motivações de tais práticas humanas no período pré-histórico, o pesquisador David Lewis-Williams chegou à conclusão de que essas atividades estariam diretamente relacionadas às experiências de Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC), vivenciadas pelos indivíduos que, posteriormente, reproduziam nas paredes as imagens vislumbradas em seus transe (BBC, 2005).

Esta breve visada ao passado distante nos será conveniente no embasamento e compreensão dos fenômenos criativos relativos às representações de caráter visionário, bem como na fundamentação de nossa investigação acerca das manifestações artísticas que ao longo da história da arte ocidental denotaram alguma abordagem aproximada ao que hoje se entende por Arte Visionária: “A representação plástica de experiências concretas de um universo invisível ao qual têm acesso o artista, o xamã, o místico e alguns outros por via dos estados não ordinários de consciência (ENOC)” (MIKOSZ, 2015).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

METODOLOGIA

Este trabalho trata de um estudo descritivo sobre arte realizada através da inspiração derivada de experiências em estados não ordinários de consciência (ENOC), através de revisão bibliográfica, documentários e de sítios na internet que tratam sobre o tema.

Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)

Numa tentativa algo pretenciosa e, no entanto necessária de delimitarmos ou minimamente enquadrarmos o nosso campo de estudo, considerando a afirmação de Doczi na qual propõe que “o ilimitado emerge dos limites” (DOCZI, 1990, vii), poderíamos partir da concepção de consciência humana enquanto uma qualidade mental intrínseca ao Ser no desenvolvimento de sua auto-percepção e interação com o meio, tornadas possíveis pelas capacidades sensoriais, cognitivas e comunicativas do indivíduo.

Huxley, em *As Portas da Percepção*, de 1957 propõe que o cérebro humano, em alguma medida, cumpre com a função, entre inúmeras outras atribuições, de válvula redutora da percepção, a fim de filtrar a carga de estímulos recebidos pelos sentidos “tornando possível a sobrevivência biológica” (HUXLEY 2004, 32). É sabido que de fato não somos de modo concomitante plenamente conscientes de todos os estímulos recebidos pelos cinco sentidos, sendo necessário certa ordenação, seleção e priorização dos conteúdos que chegarão à consciência imediata. De modo similar, estes mecanismos de filtragem dos estímulos externos atuam também sobre o repertório interno do indivíduo tais como os pensamentos, memórias e conteúdos inconscientes.

A ausência dos mecanismos acima descritos provavelmente impossibilitaria a convivência saudável de qualquer indivíduo em sociedade, caracterizando-se como uma patologia de ordem psíquica. No entanto, o ser humano ao longo de sua trajetória desenvolveu ou descobriu métodos específicos de burlar deliberadamente, ainda que temporariamente, este crivo natural da psique humana a fim de vivenciar modos alternativos de percepção da realidade, sendo capaz de retornar ao seu estado ordinário de consciência e, portanto não o caracterizando como enfermo ou vítima de anomalias de qualquer tipo.

Em seu livro *Arte Visionária – Representações visuais inspiradas nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)*, Mikosz esclarece que “estados não ordinários de consciência são aqueles em que uma pessoa comum, normal e saudável, através de técnicas específicas, pode perceber o mundo exterior e interior de modo diferenciado, sem que isso signifique algum tipo de deformação ou patologia” (MIKOSZ 2014, 17).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Desde as culturas arcaicas, é sabido que para além do nosso estado de vigília ordinário, aquele experimentado cotidianamente em nossas atividades mais corriqueiras, existem ainda modos alternativos de percebermos e nos relacionarmos com a realidade.

Nossa consciência vigilante normal, a denominada consciência racional, não é mais do que um tipo especial de consciência separada de outros tipos de consciência completamente diferentes pela mais fina das camadas [...] Nenhuma descrição do Universo em sua totalidade que deixe essas outras formas de consciência no esquecimento poderá ser efetiva (JAMES 2008, 325 apud MIKOSZ 2014, 31).

Tomando uma analogia a fim de ilustrar o caso, poderíamos dizer que o nosso estado ordinário de consciência está para o campo limitado do espectro da luz visível dentro da amplitude do espectro eletromagnético como um todo, o qual sabemos comportar outras radiações invisíveis ao olho humano. A entrada em estados não ordinários de consciência seria, portanto, um exercício de adequação da nossa percepção às frequências menos ostensivas ao estado de vigília comum, como afirma Hancock:

Teoricamente o cérebro poderia ser tanto um receptor quanto um gerador de consciência e assim, nos estados alterados, poderia ser sintonizado para pegar comprimentos de onda que normalmente não são acessíveis a nós (HANCOCK 2007, 39 apud MIKOSZ 2014, 39).

Esta prática de percepção alternativa é experimentada pelo ser humano desde os seus primórdios, principalmente na figura dos xamãs: indivíduos membros de comunidades tribais, capazes de alternar deliberadamente seu estado de consciência em função de suas atividades e incumbências sociais.

A ideia central do xamanismo é estabelecer meios de contato com o mundo sobrenatural através da intermediação da experiência extática de um profissional inspirado, o xamã. Há, portanto, quatro importantes componentes no xamanismo: a premissa ideológica de um mundo sobrenatural e os contatos com este, a atuação do xamã em nome de um grupo, a inspiração que recebe dos espíritos auxiliares e as extraordinárias experiências extáticas do xamã (HULTKRANTZ 1978, 11 apud MIKOSZ 2014, 33).

Sendo tais práticas perpetuadas até os dias de hoje, seja no contexto tribal genuíno, seja reconfigurada e adaptada ao meio social urbano. É possível estabelecermos aqui um paralelo com as religiões de matriz africana tais como o Candomblé e a Umbanda, nas quais o estado de transe desempenha um importante papel litúrgico ou ainda as religiões brasileiras de fundamentos sincréticos que se utilizam do consumo de enteógenos - “aquilo que gera experiência interna do divino” (OTT 1993, 15 apud MIKOSZ 2014, 44) - durante suas cerimônias: Santo Daime, Barquinha, União do Vegetal.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Como é notório, o assunto acaba por tanger, ainda que não necessariamente, questões de cunho espiritual e religioso. Como é de praxe neste limiar entre ciência e religião, não há ainda consenso entre os pesquisadores a respeito da realidade/veracidade objetiva de tais experiências, havendo interpretações que as julguem como mera ilusão subjetiva induzida ao/ou pelo próprio indivíduo. No entanto, estudos científicos já realizados neste âmbito demonstram a legitimidade/efetividade das experiências e suas reverberações, consequências e desdobramentos no modo do indivíduo perceber a si mesmo, seu entorno e suas relações.

Certamente por ser uma prática tão antiga e já amplamente explorada, os métodos conhecidos de indução dos ENOCs são muitos e variados em suas técnicas. Elencaremos alguns a guisa de exemplo:

- Estados de enfermidade e patologias tais como febres e enxaquecas que podem produzir conteúdos imagéticos percebidos pelo indivíduo afetado (MIKOSZ 2014, 42).
- Práticas místicas e religiosas tais como entoação de mantras e cantos devocionais, meditação, retiros espirituais e orações (MIKOSZ 2014, 42).
- Privação ou superexposição dos sentidos: privação da luz ou isolamento acústico como no caso de ambientes de cavernas; superexposição à luzes estroboscópicas ou à batidas rítmicas constantes e repetitivas como as de instrumentos de percussão (MIKOSZ 2014, 42).
- Ações do ou no corpo tais como exaustão física; exposição a condições extremas de frio ou calor; autoflagelo; abstinência sexual; jejum; danças ritualísticas (MIKOSZ 2014, 43).
- Experiências emocionais intensas como em situações de emergência em geral, sustos, acidentes ou experiências de quase morte (MIKOSZ 2014, 44).
- Uso de psicoativos ou enteógenos (quando relacionados a contextos de práticas espirituais), tais como psilocibina, DMT, LSD, mescalina, ayahuasca, entre outros (MIKOSZ 2014, 44).

Lewis-Williams classifica em três estágios subsequentes o acesso à trajetória intensificada de consciência, ou ENOC, sendo estes:

- Estágio 1 - Fenômenos entópticos:
Fenômenos visuais que ocorrem entre o olho e o córtex, independentemente do mundo material, mas que podem ser projetados sobre os objetos do mundo exterior. É comum neste estágio a ocorrência de visões de figuras e padrões geométricos coloridos, como pontos, grades, zigue-zagues e linhas sinuosas. Essas visões ocorrem desvinculadas do

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

contexto cultural do indivíduo, possivelmente por estarem mais associadas à constituição do sistema nervoso humano do que à cultura [...] (MIKOSZ 2014, 51).

- Estágio 2 – *Construal*:

Este estágio pode ser entendido como um processo de construção interpretativa, no qual o indivíduo atribui significados às formas entópticas percebidas no Estágio 1 – fenômeno este conhecido como *pareidolia* -, sendo possivelmente influenciado pelo próprio repertório imagético antecedente à experiência, bem como pelo contexto cultural no qual está inserido (MIKOSZ 2014, 51).

- Estágio 3 – Alucinações:

Este estágio caracteriza-se pela intensificação da experiência, podendo o indivíduo atingir visões de cenas mais complexas e elaboradas, passando pela sensação de transformações físicas; possivelmente dificultando seu discernimento entre sua experiência subjetiva e o mundo material exterior (MIKOSZ 2014, 51).

Além das ocorrências sensoriais e imagéticas acima descritas, é possível elencar algumas outras características universais comuns aos que vivenciam os ENOC: alterações no pensamento, como a diminuição ou expansão da capacidade de reflexão; senso alterado da duração do tempo; medos diversos; mudanças na expressão emocional; mudanças na percepção da autoimagem; alterações e hiperagudeza nas percepções; mudanças no sentido e significado das coisas; sentido do inefável, caracterizado pela dificuldade em expressar a experiência por meio da semântica usual; senso de esperança; hiper-sugestionabilidade; sentido noético; projeção astral (MIKOSZ 2014, 63).

Arte Visionária

“Pois o homem encerrou-se em si mesmo, ao ponto de ver tudo pelas estreitas fendas de sua caverna. Se as portas da percepção estivessem limpas, tudo se mostraria ao homem tal como é, infinito”
(BLAKE 1946 apud CARUANA 2013, 3).

Segundo Mikosz, “A arte Visionária pode ser entendida como um fazer artístico onde a produção está condicionada às experiências advindas de estados não ordinários de consciência” (MIKOSZ 2014, 95). L. Caruana esclarece em seu *Primeiro Manifesto da Arte Visionária* que os artistas atrelados a essa linhagem empenham-se em reproduzir por meios plásticos as experiências vivenciadas nos ENOC, sendo essa produção testemunhos legítimos desses estados alternativos da mente encontrados para além da percepção habitual da realidade, permitindo desse modo que o indivíduo espectador, ao

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

entrar em contato com tal produção artística possa ter acesso a este universo velado para a consciência ordinária, sem necessariamente experimentar os estados não ordinários de consciência.

Partindo da proposição de Caruana com o termo “Entrar Através da Imagem”, podemos concluir que a Arte Visionária ocupa-se então em traduzir, representar, dar a ver, aquilo que a priori é invisível à consciência ordinária, atuando como ponte mediadora entre esse universo numinoso, extrafísico acessado pelo artista em sua epifania e o espectador, de modo que a experiência vivenciada durante o ENOC possa de algum modo ser compartilhada, expandida e acessada pelos demais, ainda que por meio da percepção e sentidos ordinários em forma de experiência estética sensível.

Seguem abaixo depoimentos de artistas visionários contemporâneos acerca de seus trabalhos, intenções e interpretações sobre o que produzem:

Sempre fui atraído para as coisas que o homem não pode ver exteriormente. E eu me dediquei sempre a um tipo da arte que descreve as coisas que, de outra forma, o homem somente vê em seus sonhos e alucinações. Para mim, o limiar das imagens internas tem que ser transposto para a expressão ao estar desperto – a transformação dos sonhos e das fantasias para o mundo da realidade no plano das imagens visuais (FUCHS 1978 apud CARUANA 2013, 4).

Os artistas perdem a si mesmos na influência da criação de seus mundos internos, sendo possuídos pelo espírito da arte. Cada trabalho de arte carrega a visão de seu criador e simultaneamente revela a face da mente coletiva. A história da arte mostra sucessivas ondas de visão que fluem através dos trabalhos dos artistas... A história da arte é um vasto registro de milhares de artistas e suas ações de disciplinada paixão dando forma às visões (GREY 2001 apud CARUANA 2013, 4).

Fazer uma leitura do universo em direção ao passado é nosso método de alcançar o princípio. Encontramos todas as imagens que formam e direcionam nossos desejos, necessidades, e estão impressos no âmago de nossa mente. Descobrimos imagens lá, como se esculpidas em pedra, prevalecendo sobre o tempo e revelando o poder que mantém o mundo coeso. Se pudéssemos ler as imagens, a nossa visão se tornaria muito clara. Encontraríamos a nós mesmos no fundo de tudo – mantendo tudo coeso (DE ES 1974, 32 apud CARUANA 2013, 6).

Uma obra de arte é simplesmente um monumento ao temporal dentro da eternidade. A arte sozinha pode conferir e transmitir a outras épocas uma validade permanente do que está contido dentro de sua própria era (FUCHS in VENOSA 2000, 13 apud CARUANA 2013, 7).

Apesar de não haver registro, classificação ou reconhecimento da Arte Visionária como um movimento consciente de si mesmo dentro da história da arte oficial, há ao longo da trajetória artística ocidental muitos artistas dentre os diversos movimentos artísticos oficiais - tais como o Renascimento, Maneirismo, Romantismo, Pré-Rafaelitas, Simbolismo, Art Nouveau, Abstracionismo, Surrealismo, Art Brut, Realismo Fantástico, Vorticismo, Psicodelismo - que de algum modo apresentaram interesse na abordagem de temas visionários, denotando aspectos formais e/ou representacionais em suas obras que nos permite considerá-los pelo prisma da Arte Visionária como é hoje entendida. Tais aspectos referem-se a imagens simbólicas recorrentes nas manifestações visuais humanas desde seus

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

primórdios – definidas por Jung como arquétipos -, que apresentam, em alguma medida, relação direta ou indireta com os ENOC, sendo algumas destas: espirais, serpentes, esferas, túneis, escadas, círculos, mandalas e labirintos; além dos já citados padrões geométricos compreendidos nos fenômenos entópticos do Estágio 1 (MIKOSZ 2014, 98).

L. Caruana em seu *Primeiro Manifesto da Arte Visionário* elenca e classifica em “visionários verdadeiros”, “quase visionários” e “falsos visionários” uma série de artistas relevantes na história da arte ocidental, em sua maioria pintores, que se enquadram nesse contexto de representação do invisível.

A guisa de exemplos históricos, elencaremos a seguir alguns dos Visionários Verdadeiros, segundo o autor: Hieronymus Bosh, Martin Schongauer, Matthias Grünewald, Albrecht Altdörfer, Hans Baldung Grien, Pieter Bruegel the Elder, Luca Signorelli, Leonardo Da Vinci, Michelangelo, Giuseppe Arcimboldo, Mestre do Tarò de Marselha, Mestre do Rosarium Philosophorum, Mestre das 12 Chaves de Basil Valentine, Goya, John Martin, William Blake, C. D Friedrich, Dante Gabriel Rossetti, Edward Burne-Jones, Gustave Moreau, Gustave Doré, Odilon Redon, Jean Delville, Fernand Khnopff, Max Klinger, Gustav Klimt, Salvador Dali (CARUANA 2013, 9).

Ocorrências

A fim de levantarmos alguns - e apenas alguns por motivos óbvios de inviabilidade e impossibilidade de tentarmos abranger a todos – dos períodos e contextos nos quais é possível localizar a ocorrência de manifestações visuais e/ou artísticas de caráter visionário, faz-se necessário que retomemos o período pré-histórico no qual nossos ancestrais, muito provavelmente influenciados por Estados Não Ordinários de Consciência devido às condições de privação dos sentidos a que eram expostos nos ambientes de caverna - como demonstrado nos estudos de Lewis-Williams –, passaram a representar por desenhos feitos nas paredes cenas relacionadas ao seu contexto incluindo representações de animais e aparentes narrativas de zoomorfizações de indivíduos, a exemplo das pinturas rupestres do período paleolítico encontradas em cavernas como Lacaux na França e Altamira na Espanha ou ainda as pinturas dos povos bosquímanos sobre a superfície rochosa de montanhas na África do Sul; sendo a possibilidade de considerarmos como visionárias essas expressões tão remotas do ser humano corroborada pela presença dos padrões de caráter entóptico que ocorrem com frequência entre os grafismos e desenhos desse período. Portanto temos aí, acerca de 30.000 anos atrás, o ponto de partida de uma possível História da Arte Visionária.

Um pouco mais adiante na linha cronológica do desenvolvimento humano, dentre as concepções humanas algo mais elaboradas que propiciarão terreno fértil às manifestações visionárias estão a

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

cosmogonia e posteriormente as religiões. Ao redor do globo, as mais variadas sociedades tribais e suas respectivas culturas desenvolveram suas próprias crenças e mitologias acerca da origem do universo e surgimento do ser humano. Essas manifestações mais arcaicas do senso noético e religioso humanos recebem a alcunha de xamanismo, oriundo do termo “xamã” ou “*shaman*”, de origem siberiana e que traduz-se literalmente por “aquele que enxerga no escuro” (WIKIPEDIA), referindo-se àquele indivíduo portador de capacidades e habilidades especiais que lhe permitem contatar os ditos reinos espirituais. A partir dessa premissa da existência de planos metafísicos em paralelo à realidade material, e do contato deliberado com os mesmos pelo xamã, como mediador entre essas realidades substancialmente distintas, são produzidos os mais variados artefatos ritualísticos tais como máscaras cerimoniais, instrumentos musicais, amuletos, estatuetas, totens, tapeçarias, vestimentas, entre outros objetos que carregam desse modo em alguma medida o caráter visionário.

Na civilização egípcia, cerca de 3000 a.C. até o século 1º a.C., também é notório o quanto a crença num plano metafísico estruturou a organização social, a cultura, os modos de vida e por consequência toda a produção daquela sociedade. Todo produto cultural daí oriundo - Relevos e pinturas murais retratando cenas cotidianas ou narrativas mitológicas nas quais encontramos as representações de divindades zoomorfas; Os hieróglifos presentes nas câmaras funerárias contendo orientações destinadas a auxiliar o falecido em sua jornada ao outro mundo; As esculturas em calcário representando personalidades eminentes como o faraó, de modo a mantê-los vivos em além-túmulo. A arquitetura, monumentos, e templos nos quais habitariam os cadáveres mumificados dos membros da corte egípcia (GOMBRICH 2011, 55) - evidenciam um complexo sistema de crenças que transcendem o plano terreno e a morte física do indivíduo, estendendo-se ao numinoso destino dos que aqui fenecem.

Em seu livro *Weirdo Noir – Gothic and Dark Lowbrow Art*, Matt Dukes Jordan traz um breve panorama de como o Zoroastrismo – antiga religião persa com bases no dualismo maniqueísta, fundada pelo profeta Zoroastro por volta de 1000 a.C. (WILKINSON 2000, 21) – influenciou em grande medida os fundamentos e conformação do Judaísmo, Islamismo e Cristianismo; e como posteriormente o Cristianismo se apropriou das mitologias e imaginário pagãos para popularizar-se e rivalizar as doutrinas dissidentes (JORDAN 2010). Durante a Idade Média (600 a 1500 d.C.), quando já consolidado o Catolicismo como religião oficial na maior parte da Europa, seus teóricos elaboravam os dogmas da instituição católica, ficando a representação imagética dos seus conceitos a cargo dos artistas da época; a exemplo da vasta obra de Hieronymus Bosch (1450 – 1516), na qual o artista busca representar de maneira bastante insólita e inventiva cenas do imaginário católico relativas ao mundo sobrenatural do pós-morte. Assim, novamente temos a arte em favor da representação do invisível, neste período especificamente com ênfase e caráter doutrinário.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Como já visto, em muitos dos movimentos artísticos ocidentais, do Renascimento à Arte Contemporânea, podemos encontrar características formais que remetem às abordagens visionárias. Por ora iremos nos ater ao Abstracionismo, cujos interesses encontravam-se para além das representações miméticas do mundo material (MIKOSZ 2014, 162). Mikosz cita dois grandes nomes do abstracionismo - Kandinsky (1866-1944) e Malevich (1878 – 1953) – que denotavam preocupações de cunho espiritual em sua produção artística, conforme declara Read: “acreditam na existência de uma realidade psíquica ou espiritual que só pode ser apreendida e comunicada através de uma linguagem visual, cujos elementos são símbolos plásticos não figurativos” (READ 1980, 165 apud MIKOSZ 2014,163), ou em Sharf: “a supremacia do espírito sobre a matéria” (SHARF 2006, 121 apud MIKOSZ 2014,163), referindo-se à obra de Malevich. Além do mais, os aspectos formais característicos dessa escola, frequentemente abrangem elementos entópticos e/ou geométricos, nos permitindo relacioná-la à arte rupestre e arte indígena, que por vezes também se utilizam de tais elementos gráficos em suas composições.

Como visionários contemporâneos, podemos considerar os povos indígenas cujas produções visuais se mantêm atreladas aos ENOC, geralmente induzidos pelo uso de psicoativos, a exemplo dos Siona da família linguística Tukano, situados no sul da Colômbia e norte do Equador ou os Shipibo-Conibo, situados na parte leste do Peru (MIKOSZ 2014, 177). Além de artistas que por diversos métodos de acesso aos ENOC, buscam representar plasticamente suas experiências, tais como: Pablo Amaringo, Alexandre Segrégio, Alex Grey e Allyson Grey, Mark Henson, Christian Rättsch, John Robinson, L. Caruana, Amanda Sage, Maura Holden, Andrew Gonzalez, Daniel Mirante, Kuba Ambrose, Cris Dyer, Timea Tallian, Donna Torres, Márcia Széliga, Nelson Padrella, Ernesto Boccara, José Eliézer Mikosz (MIKOSZ 2014, 177).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Considerações finais

Como observado no decorrer da presente pesquisa, os requisitos que caracterizam determinada manifestação artística como visionária encontram-se para além da técnica, estilo, linguagem ou materiais empregados, bem como independem da origem geográfica, cultural ou étnica de seu autor ou ainda da época de sua fatura. Ocorrendo ao longo de toda a história da humanidade em distintos períodos e localizações do globo.

O que coloca tal ou qual manifestação sob a égide visionária é sua origem, procedência e causa que deitam raízes num universo metafísico em algum momento experimentado, percebido ou intuído através de variados meios pelo seu autor, que a partir de tal materialização/representação dá a ver aos demais, índices do vislumbrado por sua perspectiva pessoal quando em estados de consciência não habituais.

Considerando que os ENOC consistem numa capacidade/potencial intrínseco ao ser humano desde seus primórdios e que o vem acompanhando ao longo de toda sua trajetória e evolução, manifestando-se, influenciando e relacionando-se com os mais variados campos da realização humana, desde a estruturação das cosmogonias arcaicas até a extrema racionalidade do pensamento científico contemporâneo, obviamente tangendo ao longo desse percurso o nosso objeto de estudo: as manifestações artísticas; concluímos que a Arte Visionária, apesar de hoje poder ser entendida e abordada enquanto um movimento artístico específico, por conta mesmo das qualidades que a definem está mais para um *modus operandi* do que um objeto último delimitado e rotulado. Um *modus operandi* recorrente que atravessando milhares de anos de produção artística permeou as mais diversas escolas e movimentos oficialmente reconhecidos sem restringir-se a nenhum deles. *Modus operandi* este que possibilitou de maneira eficaz que incontáveis artistas das mais variadas épocas e culturas compartilhassem com seus semelhantes aquilo que o sentido físico e, portanto restrito, da visão por si só jamais poderá abranger.

A Arte Visionária faz-se, portanto plural em seus modos de expressão e atávica em suas manifestações. Está inextricavelmente atrelada às tendências e aspirações humanas pelo transcendente, bem como pela necessidade própria do Ser de expandir-se e aventurar-se pelas dimensões intangíveis que o compreendem, tendo em conta que para além da forma e substância o *Homo Sapiens* se faz também em alma.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

REFERÊNCIAS

- CARUANA, L. **O Primeiro Manifesto da Arte Visionária**. Curitiba: GLP-URCI, 2014.
- DOCZI, György. **O Poder dos limites. Harmonias e proporções na natureza, arte e arquitetura**. São Paulo: Mercury, 1990.
- DROUT, Patrick. **O físico, o xamã e o místico**. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2001.
- FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- GOMBRICH, E. H. **A história da arte** / E. H. Gombrich; tradução Álvaro Cabral. – [Reimpr.]. - Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- GOMPERTZ, Will. **Isso é arte? – 150 anos de arte moderna do impressionismo até hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- HUXLEY, Aldous. **As portas da percepção – céu e inferno**. São Paulo: Globo S.A., 2004.
- JORDAN, Matt Dukes. **Weirdo Noir – Gothic and Dark Lowbrow Art**. San Francisco: Chrovide Books, 2010.
- MIKOSZ, José Eliézer. **Arte Visionária – Representações Visuais Inspiradas nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)**. Curitiba: Editora Prismas, 2014.
- NEIHARDT, John G. **Alce Negro fala – A história da vida de um homem-santo dos Sioux Oglala**. Lisboa: Antígona, 2000.
- ROHDEN, Huberto. **O espírito da Filosofia Oriental**. São Paulo: Martin Claret, 1995.
- WILBER, Ken. **O espectro da consciência**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- WILKINSON, Philip. **O livro ilustrado das religiões: o fascinante universo das crenças e doutrinas que acompanham o homem através dos tempos**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- Vídeos:**
- BBC. **HOW ART MADE THE WORLD - THE DAY PICTURES WERE BORN**. Documentário produzido pela BBC de Londres em 2005, dirigido pelo professor de Oxford Dr. Nigel Spivey. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=e_qRpLa6e0A>. Acesso em: 30, janeiro, 2015.
- ENTREVISTA COM O PROF. DR. JOSÉ ELIÉZER MIKOSZ**, realizada pela Ordem Rosacruz (AMORC) em 02 de julho de 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KENsiRvv4Pw>>. Acesso em: 30, janeiro, 2015.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Internet:

MIKOSZ, José Eliézer. **Arte Visionária: A Arte de Retratar Visões**. 2015. Disponível em: <<http://www.artevisionaria.com.br/conceito.htm>>. Acesso em: 06, junho, 2014.

WIKIPEDIA – **Xamã**. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Xam%C3%A3>>. Acesso em: 04, agosto, 2015.